

Lula admite discutir governo com tucano

Jorge Cardoso/AE

Candidato do PT diz que tudo depende de discussões partidárias depois da eleição

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA — O candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, admitiu ontem, pela primeira vez, a possibilidade de conversar com o adversário Fernando Henrique Cardoso (PSDB) sobre a participação do PT num eventual governo tucano. “Temos, eu e ele, uma amizade de 16 anos e conversamos independente do resultado das eleições”, disse. “Vamos continuar conversando, mas tanto a participação dele no meu governo ou minha no governo dele é um assunto que depende de discussões partidárias.”

“Como somos duas pessoas civilizadas, não é por causa da campanha eleitoral que vamos deixar de conversar, mas depois das eleições, porque acredito que vou para o segundo turno e vou vencer no final”, acrescentou Lula. O candidato do PT também aceitou uma proposta feita ontem a ele pelo representante do Fundo das Nações Unidas para Infância e Adolescência (Unicef) no Brasil, Agop Kayayan. Ele sugeriu que, se houver segundo turno, Lula e Cardoso selem um “pacto pela infância”.

Embora tenha se referido duas vezes à “amizade de 16 anos” com Cardoso, Lula não poupou o adversário ao falar sobre os últimos dias de campanha. “Ele fez alianças tão espúrias que não pode sequer visitar Estados importantes, onde os aliados dele disputam os governos locais”, afirmou. “Em 1989, Fernando Collor fez centenas de comícios na reta final, o Fernando Henrique nem isso faz.”

O candidato do PT chegou a Brasília preocupado com os boatos, mai tarde desfeitos, de que Leonel Brizola (PDT) poderia desistir da candidatura. Ao desembarcar no hangar da TAM, ainda provocou o adversário e antigo aliado. “Que coisa triste, o Brizola não poder fazer passeata no Rio por falta de povo”, comentou. “Se ele estivesse comigo desde o começo não passava por isso.”

O PT acompanha freneticamente o movimento das pesquisas, na expectativa de que Brizola, Orestes Quêrcia (PMDB), Enéas Carneiro (Prona) e Esperidião Amin (PPR) cresçam o suficiente para reduzir a vantagem de Cardoso e levar as eleições para o segundo turno. “Não é possível que eles estejam tão mal como as pesquisas indicam”, disse um dos assessores de Lula, José Graziano Neto. A estratégia do partido, nos últimos dias, é estimular a militância com grandes atos públicos, como a gigantesca caravana de carros realizada ontem em Brasília e o comício previsto para o Rio, ontem à noite — a expectativa do PT era de que fosse o maior da campanha.

A caravana de carros liderada por Lula ontem em Brasília percorreu durante duas horas e meia 80 quilômetros, do aeroporto até as cidades-satélites do Núcleo Bandeirante, Taguatinga e Ceilândia. A caravana começou com cerca de dois mil carros (segundo a Polícia Militar) em fila tripla de cinco quilômetros que impediu o acesso ao aeroporto. No caminho das cidades-satélites, a fila chegou a 15 quilômetros de extensão.

No centro comercial de Taguatinga, o candidato viu, do alto de carro de som, bandeiras de Fernando Henrique Cardoso agitadas em dois cruzamentos movimentados. Alguns dos cabos eleitorais arregimentados pelo comitê tucano acenavam para a carreata com o “L” do petista. Nenhum incidente foi registrado. Antes da manifestação, o candidato do PT ao governo do Distrito Federal, Christovam Buarque, levou Lula a um reduto considerado inexpugnável pelos petistas: o centro de apoio aos motoristas de táxi de Brasília. Lula foi recebido por 50 taxistas, mas teve de deixar o local rápido porque dez outros motoristas agitavam uma bandeira de Cardoso e insultavam o petista.



Em Brasília, petista liderou caravana de carros que chegou a ter 15 quilômetros de extensão: no centro comercial de Taguatinga, bandeiras adversárias no caminho